

Índice

Lula defende produção de biocombustíveis	01
Delphi: Sindicato preocupado com negociação	02
Fiat vai comprar mais componentes da Índia e China	03
Participação dos Metalúrgicos no debate	04

INTERNACIONAL

Enfrentando críticos,

Lula defende produção de biocombustíveis

Presidente respondeu a declaração do suíço Jean Ziegler, da ONU, quando disse que biocombustível era crime contra a humanidade.

Agência Brasil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva rebateu nesta quarta-feira (16) as críticas do relator especial da Nações Unidas para o Direito à Alimentação, o suíço Jean Ziegler, de que a produção de biocombustíveis "é um crime contra a humanidade". Sem citar o relator da ONU, Lula disse que "é muito fácil alguém ficar sentado num banco da Suíça dando palpite no Brasil ou na África".



"Importante é vir aqui e meter o pé no barro e ver como a gente vive e para saber a quantidade de terra que nós temos e para saber o potencial de produção que nós temos. Hoje nós temos um bilhão de seres humanos que não comem as calorias e proteínas necessárias [diariamente] e não têm biodiesel", afirmou.

As declarações de Lula foram feitas pouco antes de ele seguir para a conferência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), que é sediada em Brasília. "Ao invés de ficar chorando, temos que produzir mais alimentos, mais soja, mais arroz, mais trigo", disse.

Lula voltou a afirmar que a alta nos preços internacionais de alimentos se deve à entrada de milhões de novos consumidores no mercado. "Não diga que [o alimentos] está caro por causa do biodiesel. Está caro porque o mundo não estava preparado para ver milhões de chineses comendo, milhões de indianos, de brasileiros e latino-americanos comendo três vezes ao dia."

Ele criticou os países ricos que criam barreiras para os produtos agrícolas dos países pobres. "Queremos que outros países pobres plantem, Que a Europa abra seu mercado agrícola, para que os países pobres possam vender seus produtos."

"Não queremos paixão. Queremos que as pessoas discutam isso com racionalidade. E que não se discuta isso a partir da ótica da Europa. Deixar de olhar o mapa da Europa e olhar o mapa da América Latina, olhar o mapa da África, que a gente vai perceber que há muita coisa para fazer", disse.

Segundo o presidente, o "desafio é aumentar a produção agrícola, porque o povo do Nordeste está comendo mais, o povo da África está comendo mais, a China está comendo". Ou seja, é um Brasil que está entrando no mercado de consumo. >>>>

Aquecimento

Ele lembrou do conflito entre produção de alimentos e aquecimento do planeta. "O mundo não pode viver a contradição que está vivendo. É unanimidade que estamos vivendo em um problema climático muito sério. Ao mesmo tempo, todos os países importantes assinaram o protocolo de Kyoto [que prevê a redução das emissões globais de dióxido de carbono]".

Segundo o presidente, o Brasil contribui para a redução do problema e ainda ganha com isso sem reduzir sua área de plantio. Ele lembrou que a produção de cana ajuda no seqüestro de carbono da atmosfera durante o período de crescimento, reduz a emissão de gases quando é usado em carros e ainda gera muitos empregos no país.

De acordo com Lula, o Brasil tem uma área de plantio de 400 milhões de hectares, das quais apenas 1% é ocupada por cana-de-açúcar. Ele lembrou ainda que há outros 60 milhões de hectares de áreas degradadas de pasto que podem ser reaproveitadas para o plantio de alimentos.

Assista também ao vídeo do presidente na nova página da CNM/CUT, [clcando aqui](#)

Delphi: Sindicato preocupado com «conturbada» negociação

Os representantes sindicais dos trabalhadores da Delphi em Ponte de Sor (Portalegre) manifestaram hoje preocupações junto do governo com o «conturbado processo» negocial em torno das indenizações, a atribuir na seqüência do fecho da fábrica, no início de 2009.

Os dirigentes do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins (SIMA) foram recebidos hoje à tarde, a seu pedido, pelo gabinete do primeiro- ministro para análise da situação criada com o anúncio de encerramento da fábrica, que emprega 439 operários efetivos, além de cerca de 80 a contrato.

O secretário-geral do SIMA, José Simões, disse à agência Lusa ter sido informado da «existência de empresas portuguesas e estrangeiras interessadas em adquirir a fábrica» alentejana.

Uma possibilidade que já tinha sido anunciada, a semana passada, pelo presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP).

Basílio Horta indicou, sem revelar nomes, que há duas empresas portuguesas interessadas na compra das instalações da Delphi em Ponte de Sor.

O secretário de Estado Adjunto da Indústria e da Inovação, António Castro Guerra, também já adiantou que o governo iniciou o processo negocial com a Delphi (que tem seis unidades industriais em Portugal) e com dois potenciais compradores, que a querem substituir na produção de alguns dos produtos daquela empresa.

Quanto ao «conturbado processo» negocial em torno das indenizações, José Simões reiterou que os trabalhadores da Delphi rejeitam o valor apresentado pela administração, apesar de terem baixado a sua proposta de 3 para 2,8 salários por cada ano de trabalho.

A administração da multinacional norte- americana subiu o montante das indenizações a atribuir aos trabalhadores de 1,8 para dois salários por cada ano de trabalho.

As negociações vão manter- se nos próximos dias entre os representantes dos trabalhadores e a administração da Delphi.

A fábrica de Ponte de Sor produz apoios, mecanismos para portas de correr automatizadas e sistemas de proteção de ocupantes para vários modelos de veículos automóveis.

A unidade, segundo asseguraram à Lusa os sindicatos, deverá encerrar no primeiro trimestre de 2009. (*Diário Digital / Lusa, 11.04.2008*)

Fiat vai comprar mais componentes da Índia e China

Marli Olmos

A Fiat vai elevar o volume de compras de componentes nos países de baixo custo para abastecer as fábricas da companhia italiana em todo o mundo. A novidade é que o Brasil não faz mais parte do grupo de países de baixo custo. Ao contrário, as fábricas brasileiras serão também cada vez mais supridas por peças vindas principalmente da China e Índia, mais baratas do que no mercado local, segundo a direção mundial da empresa. Rodas e pneus virão da China.

O valor anual das compras de todo o grupo Fiat no mundo soma ? 31 bilhões de euros. Desse total, ? 7 bilhões de euros são gastos nas regiões de baixo custo de produção, em que se destacam China, Índia e Leste Europeu. O plano da companhia é elevar esse gasto anual em um adicional de ? 1,5 bilhão de euros até 2010. Isso significa que em dois anos a participação dos países de baixo custo nas compras anuais do grupo italiano passará dos atuais 28% para 34%.

O Brasil está fora desse mapa. "Os custos no Brasil chegam a ser até mais elevados do que na Europa Ocidental", explicou durante um seminário ontem o diretor global de compras do grupo Fiat, Gianni Coda, a uma atônita platéia de fornecedores habituados a um passado em que as montadoras intermediavam as suas exportações para a Europa.

Mas agora o câmbio e custos de maneira geral atrapalham, segundo Coda, que foi presidente da Fiat Automóveis no Brasil entre 1999 e 2002. É por isso que ao invés de ajudar os fornecedores brasileiros a exportar desta vez a filial brasileira do grupo começa a importar mais peças.

A fábrica de automóveis no Brasil, a maior operação da companhia fora da Itália, começou a participar mais ativamente das importações dos países asiáticos com as rodas de liga leve. Segundo o diretor de compras da Fiat na América Latina, Osias Galantine, rodas chinesas estão chegando a preços 20% mais baixos. A empresa começou com encomendas de 10 mil a 15 mil peças por mês. Mas pretende dobrar o volume em seis meses. Daqui a algum tempo, segundo cálculos do executivo, mais de 30% das compras anuais de rodas de liga leve usadas nos carros produzidos no Brasil virão da China.

Pneus é outro caso, com preços 10% mais baixos, segundo a empresa. E até o aço, vindo da Coreia do Sul, começará a ser importado pela Fiat, segundo Galantine. O aço coreano poderá chegar custando até 15% menos que o produto nacional, garantiu o executivo.

Pouco a pouco, o índice de nacionalização nos carros fabricados pela montadora líder do mercado brasileiro começará a cair. Hoje, entre 95% e 97% do custo de um automóvel fabricado pela Fiat no Brasil é formado por autopeças nacionais. Galantine estimou que daqui um ano a participação dos itens importados chegará a 10%.

Esse quadro acaba se refletindo também no mapa global das linhas de montagem. Segundo Coda, na Índia o custo de produção do Punto é, em média 10% a 15% menor do que no Brasil. "Há casos de diferenças de preços de até 25%", afirmou o executivo.

Depois de passar por uma crise financeira, mais intensa entre os anos de 2004 e 2005, a direção da Fiat está em pleno processo de fortalecimento das suas finanças globais. Após fechar 2005 com uma margem operacional negativa de 1,5%, a companhia deverá alcançar um resultado positivo de 3,6% ainda neste ano e previsão de 3,9% em 2010.

Esse processo passa também pela redução de custos com o fornecimento. As mudanças incluem a racionalização do parque de fornecedores e sinergias para a área de criação de novos projetos. Daqui a dois anos, a empresa deverá diminuir o número das plataformas dos carros de nove para quatro. (*Valor Econômico*, 15.04.2008)

Comércio, Desenvolvimento e Emprego:

Participação dos Metalúrgicos Latinoamericanos no debate

Para a FITIM os desdobramentos que os limas ligados ao Comércio podem influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimentos países ou regiões, causando impactos diretos e indiretos na criação ou eliminação de empregos de qualidade. No nosso último Congresso realizado em 2005 aprovamos um capítulo especial no nosso programa de Ação chamado “ **Políticas Econômicas, Financeiras e de Comercio para o benefício da população mundial** ” .

Como base nessa análise vimos trabalhando no sentido de educar e mobilizar nossos afiliados para que participem ativamente dos debates e juntos com outros atores sociais influenciem seus governos a levar em conta os interesses dos trabalhadores nas negociações comerciais sejam em nível da OMC ou em negociações Bilaterais entre países ou blocos econômicos.



Instituímos há já algum tempo um Grupo de Trabalho que acompanha o temas do Comércio , Desenvolvimento e Emprego. Nesse grupo com participação de filiados de todas as regiões do mundo, tratamos de analisar as negociações em curso , seus impactos sobre o Emprego e o Desenvolvimento assim como formulamos políticas de ação para nossos filiados.

A América Latina tem participação ativa nesse grupo de trabalho desde o início o que ajudou a criar também na região uma necessidade de realizarmos atividades relacionadas ao tema na região.

Em 2006 realizamos no Paraguai uma primeira discussão sobre NAMA (Acesso Aos Mercados de Produtos não Agrícolas) na qual participaram os sindicatos dos países do Mercosul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai).

Em 2007 realizamos a reunião do Grupo de Trabalho em Brasília aonde aprofundamos o debate sobre NAMA e suas conseqüências para os trabalhadores.

Ainda em 2007 , realizamos através do Instituto Observatório Social do Brasil um estudo sobre os impactos no emprego no Brasil e Argentina , das negociações de NAMA. Este estudo foi apresentado em dois seminários (Brasil e Argentina) que contaram com a presença dos nossos filiados desses países.

O estudo mostra claramente que se forem adotados os parâmetros propostos pelos países desenvolvidos, as conseqüências serão desastrosas para a retomada da Industrialização (e conseqüente geração de empregos industriais) e mostrou que estamos na direção certa ao orientarmos nossos afiliados a apoiarem decididamente as Declarações e demais ações de lobby desenvolvidas pelo grupo sindical do NAMA 11.

Para este ano estamos prevendo discussão sobre NAMA e Acordos Bilaterais e Blocos Comerciais no Mercosul e países andinos, com o objetivo motivar os nossos sindicatos a desenvolverem ações políticas , em conjunto com as Centrais Sindicais Nacionais, a ORIT e outros GUF's.

(este artigo do companheiro Fernando Lopes da Fitim, faz parte do livro Confederação Sindical das Américas no seu congresso de fundação. A ultima reunião do Grupo de Trabalho sobre Comércio Desenvolvimento e Emprego, da Fitim, realizou-se no Brasil entre os dias 26 e 28 de setembro de 2007) . Acesse o livro da CSA “**Comércio desenvolvimento e Emprego: A participação dos metalúrgicos latino-americanos no Debate**”